



A ATENÇÃO FLUTUANTE NA ESCUTA PSICANALÍTICA

Julia Molitor Souza Picolo

Estudante de Psicologia no Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: juliamspicolo@gmail.com

Thaís Cenci Silva

Estudante de Psicologia no Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: thaiscenci.s@gmail.com

Anna Isabel Araujo Vaz

Professora especialista do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: anna.vaz@univag.edu.br

O Estágio Supervisionado Específico: Políticas de Saúde II, que ocorre na Clínica Integrada Univag - Centro Universitário de Várzea Grande, sob orientação da teoria psicanalítica, apresenta os desafios de atingir a atenção flutuante. O objetivo central é entender as características da atenção flutuante e de que forma esse dispositivo analítico opera nos atendimentos realizados. Para tal, o estágio específico foi realizado durante o 10º semestre do curso de Psicologia, através de atendimentos sem custo aos pacientes, e supervisões semanais, a partir da perspectiva psicanalítica. Freud (1900) procurou estabelecer uma contrapartida à regra fundamental da psicanálise: que é associação, e introduziu o conceito de atenção flutuante em que propõe que o analista escute de maneira livre de preconceito, considerando a importância de toda a fala, e afirmava que se o analista que se porta de outro modo, está jogando fora o que resulta da associação livre de seu paciente. Ele afirma que a conduta correta para um analista está em oscilar de uma atitude mental para a outra, sem especular ou meditar sobre o caso no momento da análise, somente após a mesma ter sido concluída. Trata-se de encarar o material produzido pela associação livre do paciente como se essa insinuasse um significado oculto e de forma a tentar desvendar qual seria esse significado. Para isso, mostrou-se mais eficaz e vantajoso o médico entregar-se à sua própria atividade mental inconsciente, num estado de atenção imparcialmente suspensa para evitar tanto quanto possível a reflexão pautada em expectativas conscientes. A partir do momento que se estabelece a escuta flutuante, o inconsciente do analista deve associar de maneira livre, evitando memorizar ou destacar falas do paciente que lhe julgue significativas. Em vista disso, esse próprio julgamento não deve fazer parte da escuta, pois o ato de selecionar constantemente o material expresso, resulta na ideia de que já se sabe por completo o que está sendo dito e assim, o analista corre o risco de não escutar. Seria então insignificante a suspensão da autocrítica do paciente, caso não houvesse também a suspensão de todo julgamento por parte do analista quanto ao conteúdo que se escuta. Freud apresenta a necessidade de que o analista atue a partir de uma postura que se aproxime da prática e características de um cirurgião em seu campo de trabalho, ou seja, desconsiderando as suas paixões. Essa ação pode ser justificada pelos supostos ganhos, que para o analista, seria uma maior preservação de sua vida emocional, e que para o paciente este seria o maior auxílio que lhe poderia ser dado. Portanto, ele baseia em vários momentos de sua obra a necessidade de uma postura neutra do analista em suas conduções dos casos. As bases técnicas da atenção flutuante podem ser definidas como: neutralidade frente ao que se fala e ao que se escuta. Dessa forma, a noção de neutralidade é essencial para o entendimento do tema, pois ao delimitar sua importância para a análise, é possível entender que este lugar de neutralidade é a partir do que se espera da fala do analisando e dos efeitos da análise. Nesse sentido, a neutralidade não se limita a técnica, e se faz imprescindível para o entendimento da própria ética em psicanálise. Outro autor que adentra as concepções de atenção flutuante é Bion (1967) que aprofunda esse conceito ao introduzir suas recomendações técnicas acerca da atitude do analista em relação à memória, desejo e busca de compreensão. Bion destaca que as percepções sensoriais constituem um empecilho para a intuição que o analista tem da realidade

psíquica. Para ele, a observação analítica se ocupa do presente, devendo assim, carecer do passado (memória), uma vez que essa é equívoca como registro de fatos, e do futuro (desejo), tendo assim, o desconhecido como o mais importante em cada sessão. O analista deve evitar a necessidade de compreender, já que essa pode ser encobridora e nociva, e passar a desenvolver a própria escuta. Para ele, as evidências do discurso do paciente dependem das flutuações da mente do analista e desse modo, a atenção flutuante passa a envolver a participação ativa do analista. Para Lacan (1992 [1967-1968]) o sujeito do inconsciente está oculto entre as camadas da linguagem e do pensar, ou seja, não é o sujeito em análise que resiste, e sim o discurso. Portanto, a solução se implica no ato de não pensar ou de não selecionar qualquer conteúdo, isso vale tanto para o analisando quanto para o analista. Dessa forma, o analista poderá ser o “inconsciente receptor”, postura derivada da técnica da atenção flutuante. É necessário lembrar que o analista é constituído por suas próprias resistências, visto isso, não podemos concluir que está assegurada a escuta do discurso de maneira totalmente livre, já que toda a linguagem é condicionada ao inconsciente. Assim, uma vez que, a partir do momento que o analista está retido em suas próprias questões, se torna difícil ou quase impossível que ele atinja a neutralidade. Mesmo que não selecione o conteúdo de maneira consciente, o seu inconsciente faz associações que o retornaria em suas próprias resistências, impedindo que a escuta flutuante ocorra. A partir desse cenário ressalta-se a necessidade da análise pessoal como essencial durante todo o processo de formação do analista. É no lugar de analisando que se torna possível a primeira etapa da neutralidade por parte do analista. A escuta flutuante se estabelece primeiramente ao se deparar com sua própria fala e sofrimento. A análise provoca o surgimento do analista, é então interminável, pois como levantado por Lacan, o inconsciente não se esgota, e caso isso ocorresse, impediria o psicanalista de formação de seu principal instrumento de trabalho. Como destacado no conteúdo acima, alcançar a atenção flutuante em uma análise pode se mostrar uma tarefa bastante difícil para qualquer psicanalista, principalmente para aqueles em formação. Dessa forma, podemos destacar que a neutralidade, que permite a atenção flutuante, é uma das dificuldades principais durante a realização do estágio na clínica escola, especialmente ao se deparar com a resistência por parte do analisando ou ao expor conteúdos que podem causar algum tipo de sofrimento. Nesse caso, o estagiário deve estar atento às mudanças nas cadeias do discurso e através da atenção flutuante, escutar o que não está sendo dito e perceber o que não está sendo ouvido por si mesmo. Outro desafio bastante presente foi manter a atenção flutuante sem forçar interpretações prévias enquanto se busca apontar o que realmente está emergindo no inconsciente do analisando. Apesar desses desafios iniciais, foi possível presenciar um aperfeiçoamento constante nesse aspecto através da prática contínua do estágio, dos estudos e da supervisão.

Palavras-chave: 1. Psicanálise. 2. Dispositivo Analítico 3. Atenção Flutuante